

**Organizadoras**  
Heloísa Penna  
Júlia Avellar

***Odes e Canto Secular***



Belo Horizonte  
FALE/UFMG  
2014

**Diretora da Faculdade de Letras**

Graciela Inés Ravetti de Gómez

**Vice-Diretor**

Rui Rothe-Neves

**Comissão editorial**

Elisa Amorim Vieira

Fábio Bonfim Duarte

Luís Alberto Brandão

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Maria Inês de Almeida

Reinildes Dias

Sônia Queiroz

**Capa e projeto gráfico**

Lória Campos — Mangá Ilustração e Design Gráfico

**Tradução**

Gustavo Chaves Tavares

Heloísa Maria Moraes Moreira Penna

Júlia Batista Castilho de Avellar

Luana Santana Lins

Marcelo Rocha Brugger

**Preparação de originais**

Juliana Araujo Campos

**Diagramação**

Juliana Araujo Campos

**Revisão de provas**

Laila Silva

**ISBN**

978-85-7758-256-4 (impresso)

978-85-7758-245-7 (digital)

**Endereço para correspondência**

Laboratório de Edição — FALE/UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 — sala 3108

31270-901 — Belo Horizonte/MG

Tel.: (31) 3409-6072

*e-mail*: [vivavozufmg@gmail.com](mailto:vivavozufmg@gmail.com)

[www.lettras.ufmg.br/vivavoz](http://www.lettras.ufmg.br/vivavoz)

# Sumário

<b>5</b>	<b>Introdução</b>
<b>8</b>	<b>Bibliografia comentada</b>
<b>10</b>	<b>Ode I, 11</b>
<b>11</b>	<b>Dos conselhos para o deleite da vida</b>
<b>12</b>	<b>Ode I, 13</b>
<b>13</b>	<b>Do coração abrasado e arrebatado pelo ciúme</b>
<b>14</b>	<b>Ode I, 21</b>
<b>15</b>	<b>Do louvor e súplica a Diana, Apolo e Latona</b>
<b>16</b>	<b>Ode I, 37</b>
<b>17</b>	<b>Da morte da afamada rainha Cleópatra derrotada por Augusto na batalha naval</b>
<b>20</b>	<b>Ode III, 9</b>
<b>21</b>	<b>Da desavença entre os amantes seguida de reconciliação</b>
<b>24</b>	<b>Ode III, 30</b>
<b>25</b>	<b>Dos votos para a perpétua memória do nome do poeta e de sua obra</b>
<b>26</b>	<b>Carmen Saeculare</b>
<b>27</b>	<b>Canto secular</b>
<b>35</b>	<b>Informações sobre o CD</b>

## Introdução

O presente volume é resultante dos estudos iniciados na disciplina Estudos Temáticos de Língua e Literatura Latina: Poesia Latina, ministrada pela professora Heloísa Maria Moraes Moreira Penna, no primeiro semestre de 2013. Contém sete poemas do célebre escritor latino Horácio (*Quintus Horatius Flaccus* — 65 a 8 a.C.), acompanhados da tradução feita pelos alunos e do texto latino metrificado segundo o esquema métrico de sílabas breves e longas, característico dessa língua. O CD, por sua vez, apresenta poemas cantados e recitados de acordo com o trabalho de experimentação realizado durante a disciplina Recitação de Poemas Latinos, no segundo semestre de 2013.

A seleção dos poemas de Horácio mostrou-se verdadeiramente proveitosa, já que esse autor explorou uma diversificada gama de ritmos poéticos, revelando-se um dos mais fecundos poetas líricos da Antiguidade quanto à riqueza métrica. Ao todo, apresentou ao público romano do século I a.C. treze esquemas métricos da lírica grega, aplicados a cerca de 130 odes, e fez deles releituras rítmicas que agradaram aos ouvidos da época augustana. Edificou, de fato, um *monumentum aere perennius*, “um monumento mais duradouro que o bronze”, que se mostra até nossos dias majestoso e encantador.

Recitar poemas em latim é um grande desafio. Muitas e nem sempre consensuais são as teorias a respeito da recitação latina, e não há registros de como os textos poéticos teriam sido lidos. Diante disso,

optamos por seguir os estudiosos<sup>1</sup> que defendem a ocorrência do acento de intensidade coincidindo com o *ictus métrico*, de modo a tentar recriar a musicalidade sugerida pela cadência do poema. Assim, com base na proposta de experimentação, buscou-se fazer a leitura dos poemas selecionados de diversas formas diferentes, mas sempre respeitando sua métrica. As odes I, 11, I, 37 e III, 9, por exemplo, foram declamadas segundo a sequência de breves e longas. Por sua vez, para as odes I, 13, I, 21 e III, 30, foram compostas melodias que pudessem não só reproduzir o ritmo do metro latino utilizado, mas também sugerir, por meio do tom e da linha melódica, o tema principal do poema.<sup>2</sup>

As traduções foram feitas em versos livres e, quando possível, tentou-se manter a correspondência entre os versos em latim e em português, para melhor e mais fácil acompanhamento do original. Além disso, foram inseridas notas explicativas de caráter linguístico, literário, histórico e cultural ao longo do texto.

Iniciamos a coletânea com seis odes de Horácio, provenientes dos quatro *Livros das Odes*, obra lírica caracterizada pela diversidade temática e métrica. A I, 11, famosa ode de exortação moral, destina-se a Leucônoe. A I, 37, ode de cunho civil, é dedicada ao povo romano em alusão à batalha de Ácio e às pretensões imperialistas da rainha egípcia Cleópatra. A III, 9 estrutura-se como um singelo canto amebou em que o desafio amoroso parte da discórdia para a reconciliação. A I, 13, de temática amorosa, à maneira de Safo e Catulo, descreve os sentimentos e a reação do amante diante da amada. A I, 21 consiste em um hino a Diana, Apolo e Latona, protetores do governo augustano. Por fim, a I, 30, monumental conclusão dos três livros, sinaliza quase que profeticamente a duradoura vida dos poemas horacianos.

Finalizamos com o *Carmen Saeculare* (Canto Secular), hino datado de 17 a.C. Ele foi composto por ocasião dos *Ludi Saeculares* (Jogos

<sup>1</sup> A respeito do acento latino, existem duas opiniões fundamentais com diferentes e variados matizes: a da escola francesa e a da escola alemã. A primeira defende a teoria do acento musical, de modo que a sílaba acentuada deveria ser pronunciada em um tom mais elevado. A segunda, por sua vez, a do acento de intensidade, que tem como função pôr em relevo a sílaba acentuada. Uma se baseia no primitivo acento indo-europeu livre e musical; outra, no acento de intensidade das línguas românicas.

<sup>2</sup> Para a ode I, 21, hino de exaltação dos deuses e exortação dos jovens, foi composta uma música em tom maior, que é geralmente associado à alegria. Já na ode I, 13, cujo tema principal é o ciúme, foi composta uma melodia em tom menor, que em geral relaciona-se à melancolia e ao sofrimento.

Seculares), celebração com representações teatrais e sacrifícios aos deuses que ocorria em Roma, durante três dias e três noites, e que demarcava o término de um *saeculum*<sup>3</sup> e início de outro. Executado e cantado diante do Palatino, no terceiro dia das comemorações, aquele dedicado a Apolo e Diana, o poema horaciano, além de apresentar-se como uma prece aos deuses (em especial a Apolo, que, após a batalha de Ácio<sup>4</sup>, em 31 a.C, tornou-se patrono do augustano regime nascente), constitui-se como um verdadeiro louvor à cidade de Roma.

*As organizadoras*

<sup>3</sup> Na época de Augusto, determinou-se que a duração de um *saeculum* seria de 110 anos.

<sup>4</sup> A Batalha de Ácio aconteceu em 2 de setembro de 31 a.C., perto de Ácio, na Grécia, durante a guerra civil romana entre Marco Antônio e Otaviano (o futuro imperador César Augusto Otaviano). O resultado foi a vitória da frota de Otaviano e o posterior suicídio de Marco Antônio e Cleópatra.

## Bibliografia comentada

FRAENKEL, Eduard. *Horace*. London: Oxford University Press, 1959. Estudo exaustivo da obra horaciana, com considerações especiais acerca do seu contexto de produção. Além de análises literárias e observações de natureza linguístico-filológica, contém informações obtidas de fontes históricas antigas, de modo a oferecer um panorama cultural enriquecedor e bem fundamentado.

HERRERO LLORENTE, Victor Jose. *La lengua latina en su aspecto prosódico: con un vocabulario de términos métricos*. Madrid: Gredos, 1971. Obra de referência para o estudo da métrica e do acento latino, retoma os argumentos e as características principais das escolas francesa (defende o acento musical) e alemã (defende o acento de intensidade). Contém, além disso, considerações a respeito do *ictus*, sua origem e evolução, bem como esclarecimentos detalhados sobre os metros latinos, acompanhados de exemplos. O vocabulário de termos métricos que integra a obra apresenta definições claras e sucintas, que em muito contribuem para a compreensão na nomenclatura métrica.

HORACE. *Odes et épodes*. Texte établi et traduit par François Villeneuve. Paris: Les Belles Lettres, 2002. Original latino. A introdução ao texto latino e à tradução francesa oferece grande quantidade de informações sobre a vida e a obra de Horácio. Além disso, o

volume contém a análise métrica completa das odes horácianas e comentários sobre cada livro de odes e epodos.

JUVENCIUS, Joseph. *Quinti Horatii Flacci Carmina Expurgata, cum annotationibus ac perpetua interpretatione*. Nova edição revista e aumentada pelo autor. Paris: Les Frères Barbou, 1721. p. 86-88.

Texto latino seguido de paráfrase em latim e anotações na mesma língua.

PENNA, Heloísa Maria Moraes Moreira. *Implicações da métrica nas Odes de Horácio*. 2007. 343 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

PLESSIS, E.; LEJAY, P. *Oeuvres d'Horace*. Paris: Hachette, 1917.

Obra rica em comentários filológicos, estudos biográfico e literário. Contém ainda notas sobre métrica e prosódia e os textos latinos das *Odes*, dos *Epodos* e do *Carmen Saeculare*.

### **Traduções consultadas**

HORÁCIO. *Odes e Epodos*. Organização de Anna Lia Amaral de Almeida Prado. Tradução de Bento Prado de Almeida Ferraz. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Trata-se de uma coletânea de odes e epodos horácianos, com o singular anexo “A minha aula de Latim”, que Anna Lia Amaral de Almeida Prado, organizadora do volume, quis acrescentar em homenagem ao pai, professor de latim.

HORÁCIO. *Obras completas: Odes, Épodos, Carme Secular, Sátiras e Epístolas*. Traduções de Elpino Duriense, José Agostinho de Macedo, Antônio Luiz Seabra e Francisco Antônio Picot. São Paulo: Edições Cultura, 1941.

NOVAK, Maria da Glória; NERI, Maria Luiza. *Poesia Lírica Latina*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.



## Ode I, 11

Tū nē quāesierīs, // scīrē nēfās, // quēm mīhī quēm tībī  
finēm dī dēdērīnt, // Lēucōnōē, // nēc Bābŷlōnīōs  
tēptārīs nūmērōs. // Ūt mēlīūs // quīcquīd ērīt pātī!  
Sēu plūrīs hīēmēs // sēu trībūīt // lūppītēr ūltīmām,  
quāe nūnc ōppōsītīs // dēbīlītāt // pūmīcībūs mārē  
Tŷrrhēnūm, sǎpīās, // ūīnǎ līquēs // ēt spātīō brēuī  
spēm lōngām rēsēcēs. // Dūm lōquīmūr, // fūgērīt īnuīdǎ  
aētās: cārpē dīēm, // quām mīnīmūr // crēdūlǎ pōstērō.

A ode I, 11 de Horácio foi escrita no esquema métrico asclepiadeu maior e possui oito versos de dezesseis sílabas. O mais marcante nesse metro é a presença de duas cesuras responsáveis por dividir o verso em três cola (partes de um verso), sendo que a parte central, um coriambo, guarda o equilíbrio entre sílabas breves e longas. Além disso, as duas pausas conferem ao poema um ritmo bem marcado, dando-lhe uma coloração didático-exortativa, bastante apropriada ao conteúdo moral do texto. O canto, destinado a Leucônoe, adverte sobre a incerteza do porvir e aconselha a aproveitar ao máximo o presente, mas com a devida prudência. De inspiração epicurista, tal ode deu origem à máxima *carpe diem*, ainda hoje muito difundida e compreendida como um conselho para o bem viver.

## Dos conselhos para o deleite da vida

Tu não questiones — é crime saber — o fim que para mim, que para ti

os deuses reservaram, ó Leucônoe, nem mesmo consultes os números babilônicos<sup>5</sup>. Quão melhor é suportar o que quer que venha!

Se Júpiter te concedeu muitos invernos, ou este último, que agora quebra as tirrenas ondas contra as pedras, sejas sábia, diluas os vinhos e, por ser breve a vida, limites a longa esperança. Enquanto falamos, foge invejoso o tempo: aproveita o dia, minimamente crédula no amanhã.

<sup>5</sup> *Números babilônicos* (*babylonios numeros*): referência à habilidade do povo babilônico para os cálculos astronômicos, isto é, para a astrologia.

## Ode I, 13

Cūm tū, Lŷdĭā, Tēlēphĭ  
cēruīcēm rōsēām, // cērēā Tēlēphĭ  
lāudās brācchĭā, uāe, mēŷm  
fēruēns dĭffīcīlĭ // bĭlē tūmēt iēcūr  
5 Tūnc nēc mēns mĭhĭ nēc cōlōr  
cērtā sēdē mānēt, // ūmōr ēt ĩn gēnās  
fūrĭm lābĭtūr, ārgŷēns  
quām lēntĭs pēnĭtūs // mācērēr ĩgnĭbūs.  
10 ūrōr, sēu tĭbĭ cāndĭdōs  
tūrparūnt ūmērōs // ĩnmōdĭcāe mērō  
rĭxāe, sĭuē pŷēr fūrēns  
ĭnrēssĭt mēmōrēm // dēntē lābrĭs nōtām.  
Nōn, sĭ mē sātĭs āudĭās,  
15 spērēs pērpētŷūm // dŷlcĭā bārbārē  
lāedēnt(em) ōscŷlā, quāe Vēnūs  
quĭntā pārtē sŷĭ // nēcārĭs ĩmbŷĭt.  
Fēlĭcēs tēr ēt āmplĭūs  
quōs ĩnrŷptā tēnēt // cōpŷlā nēc mālĭs  
20 dĭuōlsūs quērĭmōnĭs  
sŷprēmā cĭtĭūs // sōluēt āmōr dĭē.

A ode I, 13 apresenta uma estrutura de dístico formado por um verso glicônio seguido por asclepiadeu menor. A temática amorosa, notável pela seleção lexical no poema, misturam-se a descrição do sentimento de ciúme e as sensações por ele despertadas quando Lídia, amada do eu-lírico, é vista nos braços de seu amante Télefo. Na linha do poema 51, de Catulo, e da "Ode ao ciúme", de Safo, são explorados tanto as alterações físicas e corporais causadas pelo ciúme, quanto o sofrimento do eu-lírico.

## Do coração abrasado e arrebatado pelo ciúme

Quando tu, Lídia, louvas  
o róseo colo de Télefo,  
os céreos braços de Télefo,  
ai!, fervente, meu coração se enche de amargo fel.<sup>6</sup>

5 Então, nem mente nem cor me restam  
em morada certa, e as lágrimas deslizam  
furtivas por minha face, revelando o quão  
profundamente me consumo em lento fogo.

10 Abraso-me, ou se ébrias discórdias  
feriram teus cândidos ombros,  
ou se o jovem, arrebatado,  
gravou indelével marca de dente em teus lábios.

Se deveras me ouvisses, não  
esperarias ser fiel o homem que, rude,  
15 desonra os doces beijos que Vênus embebeu  
com a quintessência<sup>7</sup> do seu néctar.

Infinitamente felizes  
os que uma indissolúvel união conserva  
e que o amor desgastado por dolorosas queixas  
20 não separa antes do dia derradeiro.

<sup>6</sup> *Amargo fel (difficili bile)*: segundo a doutrina dos quatro temperamentos, a bile era o humor característico do temperamento colérico, no caso, bastante apropriado ao sentimento de ciúme.

<sup>7</sup> *Quintessência (quinta parte)*: a expressão “a quinta parte” transmite a ideia de “uma parte significativa”, “grande parte” do néctar de Vênus. Optamos na tradução pelo termo “quintessência”, pelo fato de ele veicular a noção de “parte principal” e, ao mesmo tempo, aproximar-se formalmente do termo latino *quinta*.

## Ode I, 21

Dīānām tēnērāe // dīcītē uīrgīnēs,  
Īntōnsūm, pūērī, // dīcītē Cŷnthiūm  
Lātōnāmquē sūprēmō  
dīlēcētām pēnītūs lōuī;

5 uōs lāetām flūuīts // ēt nēmōrūm cōmā,  
quāecūmq(e) āut gēlīdō // prōmīnēt Ālgīdō,  
nīgrīs āut Ērŷmānthī  
sīluīs āut uīrīdīs Grāgī;

10 uōs Tēmpē tōtīdēm // tōllītē lāudībūs  
nātālēmquē, mārēs, // Dēlōn Āpōllīnīs  
Īnsīgnēmquē phārētrā  
frātērnāqu(e) ūmērūm lŷrā.

Hīc bēllūm lācrīmōs(um), hīc mīsērām fāmēm  
pēstēmqu(e) ā pōpūl(o) ēt // prīncīpē Cāesār(e) ĩn  
15 Pērsās ātquē Brītānnōs  
uēstrā mōtūs āgēt prēcē.

A ode I, 21 é composta por estrofes asclepiadeas B, que se caracterizam por apresentar os dois primeiros versos com o metro asclepiadeu menor, seguido por um verso ferecrácio e um verso glicônio. De temática religiosa, pode ser considerada um hino em louvor de Apolo, Diana e Latona, cuja honra os jovens são estimulados a celebrar. Seu caráter exortativo é marcado pela ampla presença de imperativos e vocativos, bem como pelas frequentes anáforas e repetições. Além disso, transparecem no texto alguns aspectos políticos, como as ideias da instauração da paz e da bem-aventurança por Augusto e, em especial, a noção de Roma como centro do mundo e cidade favorecida pelos deuses. A esse respeito, convém notar que, na última estrofe, o hino mais se aproxima de um canto patriótico.

## Do louvor e súplica a Diana, Apolo e Latona

Celebrai, ó ternas donzelas, Diana!  
celebrai, ó rapazes, o intonso Cíntio!<sup>8</sup>  
E Latona intensamente amada  
por Júpiter soberano!<sup>9</sup>

5 Vós outras, louvai-a, exultante<sup>10</sup> pelos rios e folhagem dos bosques,  
que se destacam no gélido Álgido,<sup>11</sup>  
nas negras florestas do Erimanto,  
ou nas verdejantes do Grago;

10 vós outros, exaltai com louvores tantos o Tempe,<sup>12</sup>  
Delos, lugar natal de Apolo,  
e seu ombro insigne pela aljava  
e pela lira fraterna.<sup>13</sup>

15 A guerra lacrimosa, a infeliz fome e a peste,  
ele as levará do povo e do príncipe César<sup>14</sup>  
rumo aos persas e bretões,  
movido de vossa súplica.

<sup>8</sup> *Intonso Cíntio (intonsum ... Cynthium)*: epíteto de Apolo. O deus é denominado *Cynthium* por metonímia, em razão do monte Cinto localizado na ilha de Delos, local onde nascera. O termo *intonsum*, por sua vez, sinaliza a juventude do deus, pois era comum o uso de cabelos longos pelos jovens.

<sup>9</sup> Os três deuses merecedores de louvor (Diana, Apolo e Latona) parecem constituir uma nova Tríade Capitolina, criada à semelhança daquela composta por Júpiter, Juno e Minerva, grupo de divindades superiores que eram associadas à grandeza de Roma.

<sup>10</sup> *Exultante (laetam)*: o adjetivo *laetus*, -a, -um, quando rege ablativo, tem geralmente o sentido de "exultante" ou "deleitável". No entanto, é interessante observar que originalmente (e sobretudo no vocabulário agrícola) o termo tem o sentido de "fértil" e "abundante".

<sup>11</sup> *Álgido, Erimanto e Grago (Algidus, Erymanthus, Gragus)*: locais consagrados a Diana. Álgido é uma montanha no Lácio, ao sudeste de Roma; Erimanto é uma cadeia de montanhas no norte da Península do Peloponeso; e Grago é um pico na Lícia, região da Ásia Menor.

<sup>12</sup> *Tempe, Delos (Tempe, Delos)*: locais dedicados a Apolo. Tempe é o vale do rio Peleu, na Tessália, caracterizado por extrema beleza. Delos é uma ilha no Mar Egeu, situada no conjunto de ilhas denominadas Cíclades.

<sup>13</sup> *Lira fraterna (fraterna ... lyra)*: a caracterização da lira como fraterna deve-se ao fato de que Mercúrio, inventor do instrumento, era irmão de Apolo (ambos eram filhos de Júpiter).

<sup>14</sup> *César (Caesar)*: o título faz aqui referência a Augusto, cujo patrono era exatamente o deus Apolo.

## Ode I, 37

Nūnc ēst bībēndūm, // nūnc pēdē lībērō  
pūlsāndā tēllūs, // nūnc Sālīārībūs  
ōrnārē pūluīnār dēōrūm  
tēmpūs ērāt dāpībūs, sōdālēs.

5 Ānt(e)hāc nēfās dē/prōmērē Cāecūbūm  
cēllīs āuītīs, // dūm Cāpītōlīō  
rēgīnā dēmētīs rūīnās  
fūnūs ēt ĩmpērīō pārābāt

10 Cōntāmīnātō // cūm grēgē tūrpīūm  
mōrbō uīrōrūm, // quīdlībēt ĩmpōtēns  
spērārē fōrtūnāquē dūlcī  
ēbrīā. Sēd mīnūtī fūrōrēm

15 uīx ūnā sōspēs // nāuīs āb ĩgnībūs,  
mēntēmquē lymphātām Mārēōtīcō  
rēdēgīt ĩn uērōs tīmōrēs  
Cāesār, āb Ītālīā uōlāntēm

## Da morte da afamada rainha Cleópatra derrotada por Augusto na batalha naval

Ora cumpre, camaradas, beber e com pé livre  
calcar a terra;<sup>15</sup> eia que é já tempo  
de ornar os coxins dos deuses<sup>16</sup>  
de banquetes saliares.<sup>17</sup>

5 Até então era escuso tirar o vinho Cécubo<sup>18</sup>  
das ancestrais adegas, enquanto a rainha  
armava insanas ruínas ao Capitólio  
e ao império, funeral,

10 com seu bando corrompido d'homens  
depravados, mulher incontida no ímpeto de ousar  
e ébria na doce sua fortuna.  
Mas lhe mitigou a loucura

15 Uma só nau a custo salva das chamas,  
e César, que lhe reduziu a mente embebida  
do vinho mareótico<sup>19</sup> em temores reais  
quando a perseguia com remos,

<sup>15</sup> *Calcar a terra (pulsanda tellus)*: refere-se aos motivos de folia e dança alegre já para este tempo de vitória.

<sup>16</sup> *Coxins dos deuses (pulvinar deorum)*: almofadas que, preenchidas de plumas ou outro material para isso, serviam de estofado nos leitos a quantos lá se reclinavam aquando dos convívios. Os romanos costumavam, em tempos de festa por uma considerável vitória contra algum inimigo, reclinar, sobre leitos preparados, estátuas de seus deuses, em torno aos quais colocavam-se mesas repletas de manjares os mais variegados, e os iam servindo como se de fato estivessem em pessoa nesses convívios.

<sup>17</sup> *Banquetes saliares (Saliaribus ... dapibus)*: banquetes dos Sális, sacerdotes do culto de Marte. Eram muito requintadas e variadas as viandas que nestes banquetes se serviam, daí a ideia de abundância e, por assim dizer, galanteria culinária.

<sup>18</sup> *Cécubo (Caecubum)*: vinho de grande fineza, cuja produção era feita no Cécubo, monte da Campânia.

<sup>19</sup> *Mareótico (Mareotico)*: Mareótis é uma região brejeira no Egito, perto de Alexandria, nomeada pela qualidade do vinho lá produzido.



rēmīs ādūrgēns, // āccīpītēr uēlūt  
mōllīs cōlūmbās // āut lēpōrēm cītūs  
uēnātōr īn cāmpīs nīuālīs  
Hāemōnīāe, dārēt ūt cātēnīs

20

fātālē mōnstrūm.// Quāe gēnērōsīūs  
pērīrē quāerēns // nēc mūlīēbrītēr  
ēxpāuīt ēnsēm nēc lātētīs  
clāssē cītā rēpārāuīt ōrās,

25

Āus(a) ēt iācētēm // uīsērē rēgīām  
uōltū sērēnō, // fōrtīs ēt āspērās  
trāctārē sērpētēs, ūt ātrūm  
cōrpōrē cōnbībērēt uēnēnūm,

Dēlībērātā // mōrtē fērōcīōr:

30

sāeuīs Lībūrnis // scīlīcēt īnuīdēns  
prīuātā dēdūcī sūpērbō,  
nōn hūmīlīs mūlīēr, trīūmphō.

A ode I, 37 aborda um episódio já bastante conhecido: César Augusto, general vitorioso, derrota a Rainha Cleópatra, inimiga altiva e sagaz, cujo suicídio ofuscou a glória do triunfo romano. Embora o poeta louve o vencedor e a vencida, é César quem obtém o maior elogio, pois se trata sobretudo de uma ode cívica que enaltece Roma e seu governante. Esta ode foi escrita no ano 31 a.C., quando ocorreu a vitória em Ácio. É composta em estrofe alcaica, metro de cadência variada (ritmo ascendente e descendente), cujo vigor rítmico traduz o tom solene e festivo do poema.

a que singrava da Itália — tal como a água  
às brandas pombas e o ligeiro caçador à lebre,  
nos campos nevados de Hemônia<sup>20</sup>—,  
para pô-la em grilhões:

esse monstro fatal: que anelando  
morrer mais nobremente, não se aturdiu,  
qual mulher, frente à espada, nem buscou  
recônditas praias<sup>21</sup> em sua ligeira barca,

mas ousou fitar, impassível,  
o seu reino por terra, e, sem medo,  
tocar cruéis serpentes para que a peçonha  
impregnasse, nefasta, em seu corpo.

Muito altiva foi na deliberada morte:  
deveras recusando aos temíveis liburnos<sup>22</sup>  
ser conduzida, destronada, ao soberbo triunfo,<sup>23</sup>  
mulher jamais humilhada.

<sup>20</sup> *Hemônia (Haemoniae)*: Tessália. É assim chamada por razão de um rei que lá reinou e tinha nome Émão.

<sup>21</sup> *Recônditas praias (Latentis ... oras)*: Alguma parte retirada do Egito ou cidade mais no seu recôndito.

<sup>22</sup> *Temíveis Liburnos (Saevis Liburnis)*: Faz menção dos barcos leves e ligeiros que se construíam na Libúrnica, terra de Ilíria, com cujo auxílio Augusto travou e cometeu guerra naval contra Antônio.

<sup>23</sup> *Ser conduzida ... ao soberbo triunfo (Deduci superbo ... triumpho)*: Ser levada do Egito para Itália, onde entrava como prenda e penhor de triunfo para glória do general que na guerra a vencera.

## Ode III, 9

Dōnēc grātūs ērām tībī  
Nēc quīsquām pōtīōr // brācchīā cāndīdāe  
Cēruīcī iūuēnīs dābāt  
Pērsārūm vīgūtī // rēgē bēātīōr  
5 Dōnēc nōn āliā māgīs  
Ārsīstī nēqu(e) ērāt // Lūdīā pōst Chlōēn  
Mūltī Lūdīā nōmīnīs  
Rōmānā vīgūtī // clārīōr Tīlīā  
Mē nūnc Thrēssā Chlōē rēgīt  
10 Dūlcīs dōctā mōdōs // ēt cīthārāe sciēns  
Prō quā nōn mētūām mōrī  
Sī pārcēnt ānīmāe // fātā sūpērstītī  
Mē tōrrēt fācē mūtūā  
Thūrīnī Cālāfs // filiūs Ōmŷtī  
15 Prō quō bīs pātīār mōrī  
Sī pārcēnt pūērō // fātā sūpērstītī  
Quīd sī prīscā rēdīt Vēnūs  
Dīdūctōsquē iūgō // cōgīt āēnēō  
Sī flāu(a) ēxcūtītūr Chlōē  
20 Rēiēctāequē pātēt // iānūā Lūdīāe?

## Da desavença entre os amantes seguida de reconciliação

- “Enquanto eu era o teu favorito,  
E nenhum jovem mais forte envolvia  
nos braços teu cândido colo,  
Vivi mais afortunado que o rei dos persas.”
- 5 “Enquanto por outra não ardias mais,  
Nem Lídia vinha depois de Cloé,  
Eu, a Lídia de renome,  
Vivi mais ilustre que a Ília romana.”<sup>24</sup>
- 10 “Rege-me agora a trácia Cloé,  
Douta nos doces ritmos e destra na cítara  
Por quem não temerei morrer,  
Se os fados conservarem a vida dessa minha amada.”
- “Queima-me em mútua chama  
Calais, filho de Ornito turino,  
15 Por quem duas vezes suportarei morrer,  
Se os fados conservarem a vida desse meu rapaz.”
- “E se acaso retornar a antiga Vênus<sup>25</sup>  
E unir em brônzea aliança os separados,  
E se a loira Cloé for abandonada  
20 E a porta se abrir para a rejeitada Lídia?”

<sup>24</sup> *Ília Romana (Romana Iliia)*: Também chamada Réia Sílvia, filha de Numitor, rei de Alba Longa; mãe de Rômulo e Remo, fundadores de Roma

<sup>25</sup> *Antiga Vênus (prisca Venus)*: Neste verso, Vênus simboliza, metonimicamente, o amor. É, portanto, possível interpretar “prisca Venus” como o antigo amor que retorna.

Quāmquām sīdērē pūlchrīōr

Ūll(e) ēst, tū lēuīōr // cōrtīc(e) ēt īnprōbō

Ūrācūndīōr Hādriā

Tēcūm uīuēr(e) āmēm // tēc(um) ōbēm lūbēns.

A ode III, 9 compõe-se de dísticos formados por um verso glicônio seguido de um asclepiadeu menor. Trata-se de um canto amebeu, forma que alterna duas vozes, geralmente em tom de disputa. Nessa ode, a disputa é a amorosa, entre a voz feminina do poema, a Lídia de renome, e uma voz masculina. Esse canto, também, distingue-se pela retomada do dito do outro, seja exprimindo a mesma ideia, seja para contrariá-la, de modo a parear o adversário ou a superá-lo. No fim do poema, a dissolução da disputa amorosa é marcada pela reconciliação com o cessar das provocações e o reconhecimento da impossibilidade de os amantes viverem separados.

“Ainda que ele seja mais belo que os astros,  
E tu mais instável que a cortiça,<sup>26</sup>  
E mais iracundo que o revoltado Adriático,  
Contigo amaria viver, contigo de bom grado morreria.”

<sup>26</sup>*E tu mais instável que a cortiça (tu leviôr cortice)*: Símile entre o amante e a cortiça. O adjetivo *levis*, em latim, apresenta duplo sentido — “o que não é pesado”, mas, também, pode significar “leviano”. A imagem que se quer criar é a de um “tu” moralmente frágil, cujas intenções são volúveis.

## Ode III, 30

Ēxēgī mōnūmēt(um) āerē pērēnniūs  
rēgālīquē sītū // pȳrāmīd(um) āltiūs,  
quōd nōn īmbēr ēdāx, // nōn Āquīl(o) īnpōtēns  
pōssīt dīrūr(e) āut // īnnūmērābilīs  
5 ānnōrūm sērīēs // ēt fūgā tēmpōrūm.  
Nōn ōmnīs mōrīār // mūltāquē pārs mēī  
uītābīt Lībītīn(am) ūsqu(e) ēgō pōstērā  
crēscām lāudē rēcēns, // dūm Cāpītōlīūm  
scāndēt cūm tācītā // uīrgīnē pōntīfēx  
10 Dīcār, quā uīōlēns // ōbstrēpīt Āufīdūs  
ēt quā pāupēr āquāe // Dāunūs āgrēstīūm  
rēgnāuīt pōpūlōr(um), ēx hūmīlī pōtēns  
prīncēps Āeōlīūm // cārmēn ād Itālōs  
dēdūxīssē mōdōs. // Sūmē sūpērbīām  
15 quāēsītām mērītīs // ēt mīhī Dēlphīcā  
lāurō cīngē uōlēns, // Mēlpōmēnē, cōmām.

Essa ode foi escrita, a princípio, como seu conteúdo e posição no *Livro das Odes* o indicam, para concluir a obra lírica de Horácio — o livro IV, de lançamento posterior, foi adicionado após insistentes apelos de Mecenas. E, de fato, é um magnífico epílogo dos trabalhos líricos do poeta, pois apresenta um eu-lírico orgulhoso de sua obra, consciente de seu esforço e esperançoso na perenidade desse seu *monumentum*. A composição é monométrica, em asclepiadeu menor, ritmo empregado em apenas 3 odes (I,1; III,30 e IV,8) de caráter metalinguístico.

## Dos votos para a perpétua memória do nome do poeta e de sua obra

Ergui um monumento mais perene que o bronze  
E mais alto que o régio edifício das pirâmides,  
Que nem a chuva voraz, nem o Aquilão<sup>27</sup> desenfreado  
Possam destruir, tampouco as inumeráveis  
5 Séries dos anos nem o decurso dos tempos.  
Não morrerei de todo e boa parte de mim  
Evitará a Libitina;<sup>28</sup> crescerei sempre recente  
no louvor vindouro, enquanto ao Capitólio<sup>29</sup>  
Subir o pontífice com a tácita virgem.<sup>30</sup>  
10 Serei cantado, onde o revolto Áufido<sup>31</sup> ruge  
E onde pobre de água, Dauno<sup>32</sup> reinou  
sobre os povos agrestes, de humilde a prestigioso,<sup>33</sup>  
Fui o primeiro a introduzir o carme eólio  
nos ritmos itálicos. Reconhece a altivez  
15 obtida pelos méritos e, de bom grado, cinge-me  
os cabelos, Melpômene,<sup>34</sup> com délfica coroa<sup>35</sup>.

<sup>27</sup> *Aquilão (Aquila)*: vento do norte.

<sup>28</sup> *Libitina (Libitinam)*: deusa dos mortos e dos funerais, cujo templo servia de depósito dos objetos para as pompas fúnebres.

<sup>29</sup> *Capitólio (Capitolium)*: uma das sete colinas de Roma onde se localizava o templo de Júpiter.

<sup>30</sup> *Virgem Vestal (Virgine)*: sacerdotisa de Vesta, deusa do fogo e do lar. As vestais se encarregavam de manter a chama sagrada do Capitólio acesa.

<sup>31</sup> *Áufido (Aufidus)*: rio da Apúlia.

<sup>32</sup> *Dauno (Daunus)*: rei da Apúlia e tio de Turno.

<sup>33</sup> *"De humilde a poderoso" (ex humili potens)*: expressão que pode se referir a Dauno também, conforme alguns tradutores.

<sup>34</sup> *Melpômene (Melpomene)*: musa da tragédia.

<sup>35</sup> *Loureiro (Delphica Lauro)*: é a árvore de que se tiram as folhas para tecer coroas para os vencedores. O epíteto Délfica se refere a Apolo, deus da poesia, senhor das Musas.



## Carmen Saeculare

Phōebě sīluārūm // quē pōtēns Dīānā,  
lūcīdūm cāelī // dēcūs, ō cōlēndī  
sēmpēr ēt cūltī, // dātē quāe prēcāmūr  
tēmpōrē sācrō,

5 quō Sībŷllīnī // mōnūērē uērsūs  
uīrgīnēs lēctās // pŷērōsquē cāstōs  
dīs, quībūs sēptēm // plācūērē cōllēs,  
dīcērē cārmēn.

10 Ālmē Sōl, cūrrū // nītīdō dīēm quī  
prōmīs ēt cēlās // ālīūsqu(e) ēt īdēm  
nāscērīs, pōssīs // nīhīl ūrbē Rōmā  
uīsērē māiūs.

15 Rītē mātūrōs // āpērīrē pārtūs  
lēnīs, Īlīthŷiā, // tūērē mātērēs,  
sīuē tū Lūcīnā // prōbās uōcārī  
sēu Gēnītālīs:

## Canto secular

Ó Diana, soberana das florestas, e Febo,  
luzente ornato do céu,<sup>36</sup> ó sempre  
5 cultuáveis e cultuados, dai-nos quanto pedimos  
neste tempo sagrado

em que os Sibilinos versos<sup>37</sup> profetizaram  
que virgens eleitas e moços castos,  
aos deuses, a quem as sete colinas<sup>38</sup> agradaram,  
10 entoassem um canto.

Ó Sol nutriz, que com teu brilhante carro  
revelas e ocultas o dia e, sendo outro,  
nascas o mesmo, nada possas contemplar maior  
que a cidade de Roma.  
15

Afável em assistir os partos iminentes,  
tu, proteges as mães, ó Ilítia,  
ora nomeada Lucina, ora, se preferes,  
Genital:

<sup>36</sup> *Luzente ornato do céu (lucidum caeli decus)*: o sintagma pode se referir a ambos os deuses, Febo e Diana, apenas à Diana ou somente a Febo. Por uma questão de simetria e paralelismo, é mais provável que a expressão se refira a Febo, uma vez que Diana já possui um atributo (*siluarumque potens*, “soberana das florestas”). Além disso, considerando-se a importância conferida a Apolo no regime augustano, pode-se afirmar que ele é o elemento de destaque, e não Diana. Diante disso, seria pouco provável que ela possuísse dois epítetos, e ele nenhum.

<sup>37</sup> *Sibilinos versos (Sybillini ... uersus)*: os versos sibilinos eram predições das Sibilas, profetisas romanas, e foram escritos e reunidos nos livros sibilinos, que, depositados no Capitólio, eram guardados por sacerdotes especiais.

<sup>38</sup> *Sete colinas (septem ... colles)*: Capitólio, Quirinal, Viminal, Esquilino, Célio, Aventino e Palatino.

dīuā, prōdūcās // sūbōlēm pātrūmqē  
prōspērēs dēcrētā // sūpēr iūgāndīs  
fēmīnīs prōlīs // quē nouāe fērācī  
20 lēgē mārītā,

cērtūs ūndēnōs // dēcīēns pēr ānnōs  
ōrbīs ūt cāntūs // rēfērātquē lūdōs  
tēr dīē clārō // tōtīēnsquē grātā  
nōctē frēquētīs.

25 Vōsquē, uērācēs // cēcīnīssē Pārcāe,  
quōd sēmēl dīct(um) ēst // stābīlīsquē rērūm  
tērmīnūs sēruēt, // bōnā iām pērāctīs  
iūngītē fātā.

30 fērtīlīs frūgūm // pęcōrīsquē Tēllūs  
spīcēā dōnēt // Cērērēm cōrōnā;  
nūtrīānt fētūs // ēt āquāe sālūbrēs  
ēt lōuīs āurāe.

35 cōndītō mītīs // plācīdūsquē tēlō  
sūplīcēs āudī // pūērōs, Āpōllō;  
sīdērūm rēgīnā // bīcōrnīs, āudī,  
Lūnā, pūēllās.

ó deusa, façás crescer a estirpe  
e prosperar os decretos dos senadores  
sobre o matrimônio das mulheres e a prolífica  
lei conjugal,<sup>39</sup>

20 para que, a cada onze décadas,<sup>40</sup> um exato  
ciclo retome os cantos e os jogos  
frequentados em três dias gloriosos e  
em três agradáveis noites.

25 Vós, ó Parcas, verdadeiras em prenunciar  
o que uma vez se fixou — e o termo imutável dos  
eventos o assegure — bons fados acrescentai  
aos já passados.

30 Que a Terra fértil em grãos e gado  
presenteie Ceres<sup>41</sup> com uma coroa de espigas;  
nutram seus frutos tanto as águas salubres<sup>42</sup>  
quanto os sopros de Júpiter.

35 Deposta a flecha, ó doce e plácido  
Apolo, ouve os súplices moços;  
Ó Lua, rainha bicorne dos astros,  
ouve as moças.

<sup>39</sup>*Lei conjugal (lege marita)*: lei nupcial da época, que favorecia o casamento, sobretudo ao conferir privilégios aos pais de família.

<sup>40</sup>*Dez vezes onze (undenos deciens)*: expressão numérica latina.

<sup>41</sup>*Terra, Ceres (Tellus, Ceres)*: divindades evocadas nesses dias de festa por sua ligações com a vida e nascimento de uma nova era.

<sup>42</sup>*Et ... et, aquae salubres e Iouis aurae*: em razão da estrutura foram considerados, na tradução, dois sintagmas diferentes. No entanto, haveria também outra possibilidade de interpretação, segundo a qual *salubres* e *Iouis* se referem tanto a *aquae* quanto a *aurae*. A primeira opção demonstrou-se preferível, uma vez que as conjunções *et* parecem demarcar os sintagmas.

Rōmā sī uēstr(um) ēst // ōpūs Īlīāequē  
lītūs Ētrūscūm // tēnūērē tūrmāe,  
iūssā pārs mūtārē // lārēs ēt ūrbēm  
sōspītē cūrsū,

40 cūi pēr ārdētēm // sīnē fraudē Troiām  
cāstūs Āenēās // pātrīāe sūpērstēs  
lībērūm mūnīuīt // ītēr, dātūrūs  
plūrā rēlīctīs:

dī, prōbōs mōrēs // dōcīlī iūuētāe,  
45 dī, sēnēctūtī // plācīdāe quīētēm,  
Rōmūlāe gēntī // dātē rēmquē prōlēmqu(e)  
ēt dēcūs ōmnē.

Quāequē uōs bōbūs // uēnērātūr ālbīs  
clārūs Ānchīsāe // Vēnērīsquē sānguīs,  
50 ĩmpētrēt, bēllāntē // prīōr, iācētēm  
lēnīs ĩn hōstēm.

iām mārī tērrā // quē mānūs pōtētīs  
Mēdūs Ālbānās // quē tīmēt sēcūrīs,  
iām Scýthāe rēspōnsā // pētūnt, sūpērbī  
55 nūpēr ēt Īndī.

Se Roma é vossa obra, e as ilíacas<sup>43</sup>  
tropas ocuparam o litoral Etrusco,  
se uma parte foi obrigada a deslocar Lares<sup>44</sup> e cidade  
em salvo curso,

40 à qual, pela ardente Troia, o casto Eneias,  
supérstite à pátria, sem dano garantiu  
caminho livre para dar mais  
do que haviam deixado,

45 ó deuses, dai bons costumes à dócil juventude;  
ó deuses, tranquilidade à velhice serena;  
ao povo de Rômulo, riqueza, descendência  
e toda a glória.

50 Aquilo que o ilustre descendente de Anquises e Vênus,<sup>45</sup>  
vos suplica com brancos bois, que ele obtenha,  
superior ao inimigo belicoso,  
clemente com o derrotado.

55 Já, no mar e na terra, o Medo<sup>46</sup> teme  
os exércitos poderosos e as insígnias albanas;<sup>47</sup>  
Já os citas e os Indianos, até então soberbos,  
submetem-se às ordens.

<sup>43</sup> *Ilíacas tropas (Iliacae ... turmae)*: referência aos troianos originários de *Ílio*, outro nome para Troia.

<sup>44</sup> *Lares (Lares)*: deuses particulares dos romanos. Ancestrais familiares cultuados nas casas, cujo altar — as lareiras — era sempre mantido aceso.

<sup>45</sup> *Descendente de Anquises e Vênus (clarus Anquisae Venerisque sanguis)*: Eneias, no passado; Augusto, no momento da composição do *Carmen Saeculare*.

<sup>46</sup> *Medo (medus)*: nome variante para Persas.

<sup>47</sup> *Insígnias albanas (Albanas ... securis)*: nome histórico dos combatentes romanos, proveniente da cidade de Alba Longa, fundada por Iulo, filho de Eneias, 30 anos após a fundação de *Lavinium*.

Īam Fīdēs ēt Pāx // ēt hōnōr Pūdōrquē  
Prīscūs ēt nēglēctā // rēdirē Vīrtūs  
Āudēt āppārēt // quē bēatā plēnō  
Cōpiā cōrnū;

60 Āugūr ēt fūlgēntē // dēcōrūs ārcū  
Phōebūs āccēptūs // quē nōuēm Cāmēnīs  
Quī sālūtārī // lēuāt ārtē fēssōs  
Cōrpōrīs ārtūs,

Sī Pālātīnās // uīdēt āequūs ārcēs  
65 Rēmquē Rōmānām // Lātīūmquē fēlīx  
Āltēr(um) īn lūstrūm // mēlīūsquē sēmpēr  
Prōrōgāt āeuūm;

Quāequ(e) Āuēntīnūm // tēnēt Ālgīdūmquē,  
Quīndēcīm Dīānā // prēcēs uīrōrūm  
70 Cūrāt ēt uōtīs // pūērōr(um) āmīcās  
Āplīcāt āurīs.

Hāec lōuēm sēntīrē // dēōsquē cūnctōs  
Spēm bōnām cērtām // quē dōmūm rēpōrtō,  
Dōctūs ēt Phōebī // chōrūs ēt Dīānāe  
75 Dīcērē laudēs.

Trata-se de um hino em estrofe sáfica, esquema métrico empregado por Horácio para, principalmente, poemas religiosos e de amor. Esse tipo de estrofe contém três versos de 11 sílabas e um de apenas 5, denominado adônio, no qual o poeta busca sintetizar o sentimento de toda a estrofe com construções antitéticas de *callida iunctura*. O hino inicia-se com invocações a Apolo e Diana e pela apresentação de seus atributos, como é tradicional nesse tipo de composição. Há ainda menção a outros deuses e divindades: Sol, Lucina — deusa responsável pelos nascimentos e pelo aumento da estirpe romana; Parcas — divindades que dominam os destinos e podem garantir a prosperidade; Terra e Ceres — deusas vinculadas à fartura e à abundância. O elogio de Roma vem realçado por sua origem mitológica — que remete a Eneias e a Vênus — e por seu espetacular crescimento ao longo da história. Povoada, inicialmente, pela gente de Rômulo, a cidade das “sete colinas” sobrepõe-se e domina os povos do Oriente na época de Augusto, tempo também da restauração dos antigos valores e dos costumes ancestrais.

Já a Lealdade, a Paz, a Honra, o Pudor antigo  
e a Virtude desprezada ousam  
voltar, e aparece ditosa e cheia a  
Cornucópia;

60      Águre ornado de fulgente arco,  
e benquisto pelas nove Camenas,<sup>48</sup> Febo,  
que com sua arte salutar alivia os fatigados  
membros do corpo,

65      se, benévolo, vê as alturas do Palatino,<sup>49</sup>  
o Estado Romano e o próspero Lácio,  
prorroga para mais um lustro e uma era  
sempre melhor.

70      Diana, que habita o Aventino<sup>50</sup> e o Álgido<sup>51</sup>,  
atende as preces dos quinze rapazes  
e, amigável, aplica ouvidos  
aos rogos dos meninos.

75      A esperança boa e certa de que Júpiter e os demais deuses  
ouçam tudo isso, a levo para casa,  
eu, coro hábil em cantar os louvores  
a Febo e Diana.

<sup>48</sup> *Camenas (Camenis)*: musas latinas.

<sup>49</sup> *Palatino (Palatinas ... arces)*: colina símbolo das outras sete e da cidade de Roma. Nela existia um templo a Apolo.

<sup>50</sup> *Aventino (Aventinum)*: colina em que se situava o principal templo de Diana.

<sup>51</sup> *Álgido (Algidum)*: montanha situada no Lácio, sede antiga do culto de Diana.



## **Informações sobre o CD**

**1 Ode I, 11**

Recitada por Marcelo Rocha Brugger.

**2 Ode I, 13**

Cantada por Júlia Batista Castilho de Avellar.

Composição musical: Júlia Batista Castilho de Avellar.

**3 Ode I, 21**

Cantada por Júlia Batista Castilho de Avellar.

Composição musical: Júlia Batista Castilho de Avellar.

**4 Ode I, 37**

Recitada por Gustavo Chaves Tavares.

**5 Ode III, 9**

Recitada por Luana Santana Lins e Gustavo Chaves Tavares.

**6 Ode III, 30**

Cantada por Heloísa Maria Moraes Moreira Penna.

Composição musical: Heloísa Maria Moraes Moreira Penna.

Acompanhamento musical: Augusto Moraes Moreira Penna.

**7 Canto Secular**

Cantado e recitado por Gustavo Chaves Tavares, Heloísa Maria Moraes Moreira Penna, Júlia Batista Castilho de Avellar, Luana Santana Lins e Marcelo Rocha Brugger.

Composição musical: Adalberto Mendes Moreira Penna.

**Local de gravação**

Laboratório de Fonética da FALE/UFMG.

**Edição da gravação**

Adalberto Mendes Moreira Penna.

**Publicações Viva Voz  
de interesse para a área de tradução**

**Apocolocytosis de Providentia**

Sêneca

**Consolação a Políbio**

Lúcio Aneu Sêneca

**Epistula ad Pisones  
ed. bilíngue**

Bruno Maciel

Darla Monteiro

Júlia Avelar

Sandra Bianchet (Org.)

**Recortes das "Cartas das Heroínas",  
de Ovídio**

Matheus Trevizam (Org.)

Os livros e cadernos Viva Voz estão disponíveis  
também em versão eletrônica no site:

[www.lettras.ufmg.br/vivavoz](http://www.lettras.ufmg.br/vivavoz)

Composto em caracteres Verdana e impresso a *laser* em papel reciclado 75 g/m<sup>2</sup> (miolo). Acabamento em kraft 420 g/m<sup>2</sup> (capa) e costura artesanal com cordão encerado.



As publicações Viva Voz acolhem textos de alunos e professores da Faculdade de Letras, especialmente aqueles produzidos no âmbito das atividades acadêmicas (disciplinas, estudos orientados e monitorias). As edições são elaboradas pelo Laboratório de Edição da FALE/UFMG, integrado por estudantes de Letras – bolsistas e voluntários – supervisionados por docentes da área de edição.